

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Os saberes do campo na Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional: articulações possíveis

 Sheila Maria Conde Rocha Campello*

Resumo: Este relato apresenta experiências vivenciadas em três edições do curso Saberes do Campo: formação de pesquisadores na escola. Seus fundamentos metodológicos recorrem aos marcos normativos da Educação do Campo; à Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa e enriquecida por teorias estéticas aplicadas à interpretação de imagens; à cartografia colaborativa e à etnografia, fundamentadas em teóricos da Antropologia Cultural e em experiências desenvolvidas no contexto do grupo Arteduca, junto ao Laboratório de Arte Computacional, da Universidade de Brasília. A proposta objetivava capacitar professores para a realização de pesquisas de campo, visando identificar o perfil cultural das famílias dos estudantes, bem como promover a aproximação entre a escola e a comunidade e entre o currículo escolar e os saberes identificados na pesquisa. Ao final foi sugerida a possibilidade de oferta de uma nova edição, direcionada ao levantamento do perfil sócio-cultural das comunidades para fundamentar o planejamento da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional, nas escolas do campo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Profissional, Etnografia, Identidade sócio-cultural.

* Sheila Maria Conde Rocha Campello é doutora (2013) e mestre (2001) pelo programa de pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Arte e Tecnologia. Licenciada em Educação Artística pela UnB (1995), graduada em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Santa Úrsula (1979). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). É membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte (ANPAP) e da Federação de Arte-educadores do Brasil (FAEB). Contato: sheilacampello@arteduca.org.

A ideia de propor o curso Saberes do Campo: formação de pesquisadores na escola germinou de conversas informais ocorridas em visitas de assessoramento pedagógico às escolas da área rural do Paranoá, no Distrito Federal, realizadas no exercício da coordenação intermediária de Direitos Humanos e Diversidade, no âmbito da Coordenação Regional de Ensino (CRE) do Paranoá.

Durante as visitas, constatei a existência de uma produção artesanal interessante, no ambiente familiar dos estudantes, que até então não era reconhecida pela comunidade urbana mais próxima.

Outro ponto bastante mencionado nessas visitas, dizia respeito à pequena participação dos pais em eventos organizados para acolher as famílias dos estudantes. Percebi, então, a necessidade de empreender esforços para promover a aproximação entre as escolas do campo e as comunidades que as abrigam. Com o objetivo de conhecer o universo cultural que envolvia essas famílias, na tentativa de envolvê-las em uma proposta desenvolvida na escola, idealizei um projeto direcionado ao levantamento do perfil cultural dessas comunidades e o apresentei às unidades escolares da região, em busca de adesão.

O projeto do curso

Com o aval da Coordenação Regional de Ensino, a ideia original, baseada na realização de pesquisas de campo envolvendo professores e estudantes, foi devidamente lapidada em reuniões com participação de representantes das escolas e culminou com o planejamento e oferta de uma formação em serviço, fundamentada em métodos e técnicas da Antropologia Cultural.

Certificada pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), a formação foi viabilizada pela parceria com o Arteduca¹, vinculado ao Laboratório de Arte Computacional do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Dentre os recursos disponibilizados pelo grupo deve ser mencionado o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)², que acolheu as interações entre os participantes e no qual foi planejada e desenvolvida toda a arquitetura educacional do curso.

A realização de pesquisas de campo baseadas em métodos e técnicas da etnografia, com enfoque antropológico, objetivava, além de conhecer o perfil cultural das famílias, aproximá-las da escola e identificar talentos para a produção de bens culturais (produtos artesanais), tantas vezes mencionados nas visitas feitas às escolas. Assim, como resultado desse processo, poderíamos mapear os saberes e fazeres presentes nas comunidades, buscando valorizá-los e, se possível, promover a oportunidade de agregar valor aos produtos que pudessem gerar renda adicional aos membros dessas comunidades.

Apesar de ser direcionado aos professores, o projeto previa a aplicação da metodologia nas salas de aula dos participantes, ao longo do curso. Assim, após participar de oficinas que realizávamos, os professores/estudantes³ deveriam, planejar e aplicar os conhecimentos em oficinas realizadas com seus estudantes. Cada ação desenvolvida em sala seria compartilhada com o grupo em todas as etapas do processo: planejamento, realização e avaliação processual e de resultados.

Tendo em vista que a pesquisa deveria ser realizada no

ambiente cotidiano dos estudantes/pesquisadores, foi necessário exercitar a observação participante, baseada no conceito de estranhamento do familiar e na descrição densa do campo observado. Estava previsto o uso do caderno de campo, para anotação dos resultados das entrevistas, realizadas com base em um roteiro previamente elaborado, que não seria seguido de forma rígida. A flexibilidade na realização da entrevista, prevista nos métodos etnográficos, permitiu o aproveitamento de informações interessantes, não previstas no roteiro original. Todos esses conceitos foram apresentados de forma adequada à faixa etária dos estudantes, de maneira a gerar uma compreensão dos princípios que fundamentam pesquisas etnográficas. Assim, os estudantes/pesquisadores foram orientados a anotar todos os detalhes das entrevistas e de suas observações no caderno de campo (Figuras 1 e 2).

Ao planejar o envolvimento de professores e de seus respectivos estudantes nesse processo, eu pretendia compartilhar a responsabilidade pelo inventário cultural a ser elaborado e encontrar coautores para a proposição da pesquisa. Juntos, objetivávamos proporcionar aos estudantes a oportunidade de se posicionarem como intérpretes culturais de suas comunidades e, também, como pesquisadores. Dessa forma, eles poderiam perceber-se não somente como consumidores, mas, também, como produtores da cultura de suas comunidades. Como consequência, poderíamos desencadear um processo reflexivo direcionado à valorização de suas identidades culturais e do patrimônio material e imaterial de suas comunidades.

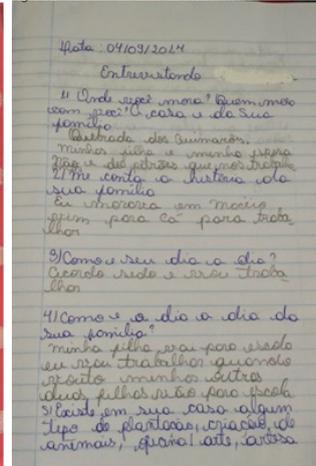
Nesse processo seriam almejados, ainda, os seguintes objetivos: fomentar um debate sobre os conceitos de cultura, identidade cultural e interculturalidade; valorizar a estética do cotidiano das famílias; voltar o olhar da comunidade escolar para as possibilidades de ampliação/flexibilização dos tempos, espaços, currículos e agentes educativos; realizar estudos baseados na cartografia colaborativa viabilizada pelo uso do programa Google Maps⁴.

As bases teóricas da formação foram buscadas no seguinte referencial: (a) nos marcos normativos da Educação do Campo, SECADI - MEC; (b) em abordagens teóricas da Antropologia Cultural, apresentadas por Julia Campello Schilliching (2011) em um texto intitulado Métodos e Técnicas em Antropologia Cultural, especialmente elaborado para fundamentar as

Figura 1 - Capa do caderno de campo do pesquisador. Figura 2 - Recorte de uma entrevista realizada.



Fonte: autora.



Fonte: autora.

formações oferecidas pelo Grupo Arteduca; (c) na obra de Ivone Mendes Richter (2003), intitulada Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais; (d) na Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, como fundamentação para a educação estética; (e) em textos de Teoria da Arte, de autoria de Moreira (2011); (f) em experiências sobre o uso pedagógico da cartografia colaborativa no ambiente virtual, desenvolvidas no contexto do grupo Arteduca por Suzete Venturelli e Sheila Campello.

A fundamentação sobre a Educação do Campo foi buscada em teses debatidas no Circuito Pedagógico da Educação do Campo, realizado em 2013, que defendiam a ideia de se “estimular o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados ao desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho”, compreendendo o campo como “lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, cuidado com o conjunto da natureza e novas relações solidárias que respeitem a especificidade social, étnica, cultural, ambiental de seus sujeitos”.

Foram, também consideradas as disposições do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo)⁵, no que se refere aos seus princípios relacionados à contribuição para a ampliação da oferta de formações às populações do campo, buscando respeitar a diversidade social e cultural e considerar as condições concretas da produção e reprodução social da vida nas áreas rurais.

A estética do cotidiano, segundo Richter (2003), envolve atividades da vida comum, consideradas como possuindo valor estético por determinada cultura e pela subjetividade das pessoas que a compõem e constituem-se como parte do que Marcos Villela Pereira (1996) classifica como microestética, dentro de uma macroestética. Esta segunda categoria quer constituir-se como modelo homogeneizante (como por exemplo, nos conceitos de belo, de criatividade), enquanto a primeira é processo de produção de subjetividades dentro de determinada cultura.

Buscando, no universo feminino, analisar essa microestética presente no cotidiano das famílias, Richter desenvolveu uma pesquisa de campo no contexto de uma escola, trazendo resultados reveladores da identidade cultural da comunidade de seu entorno. Seu relato serviu como importante subsídio para a pesquisa que pretendíamos realizar.

Para proporcionar condições aos participantes de desenvolver o senso estético e capacitá-los para a leitura e interpretação de objetos de fruição estética, busquei fundamentação na proposta teórico-metodológica intitulada Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa.

Foram, também, considerados os textos de Moreira (2011), a respeito da Teoria da Arte e de abordagens teóricas para interpretação de imagens, por meio das quais foram procedidas análises dos resultados da pesquisa de campo.

Apesar de ser direcionada às escolas do campo, a primeira edição do curso, realizada em 2013, atraiu a atenção apenas de uma escola situada na zona urbana do Paranoá, cujos estudantes eram, em parte, oriundos de comunidades rurais. Tratava-se do Centro de Ensino Fundamental Dra. Zilda Arns. O trabalho de pesquisa nesta edição envolveu estudantes dos Anos Finais, do 6º Ano.

A segunda edição, realizada em 2014, contou com a participação de professores de quatro escolas da zona rural - Escola Classe Café Sem Troco, Escola Classe Cariru, Centro de Ensino Fundamental Jardim II e Centro de Ensino Fundamental Buri-ti Vermelho. Nessa segunda experiência, de comum acordo com os cursistas, optei por realizar o curso na Escola Classe Café Sem Troco. Inovamos ao deslocar o curso para o campo e ao “adotar” duas turmas de 5º Ano como parceiros no desenvolvimento dos trabalhos.

Realizamos o curso em etapas encadeadas que envolviam estudos teóricos realizados (presencialmente e a distância) pelos professores/estudantes, seguidos da aplicação dos mesmos em atividades práticas, desenvolvidas com participação direta de duas turmas de estudantes/pesquisadores (uma no turno matutino e outra no turno vespertino). A realização das oficinas com participação dessas turmas envolvia todo o coletivo participante do curso, incluídos todos os cursistas e os docentes que “emprestavam” seus estudantes e os próprios estudantes “cedidos”. Esses momentos foram de grande significação para despertar o entusiasmo e a motivação dos participantes.

As atividades a distância foram realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Grupo Arteduca⁶ e envolviam apenas os professores/estudantes. Nelas foi possível realizar debates e avaliações preciosas para o desenvolvimento do projeto.

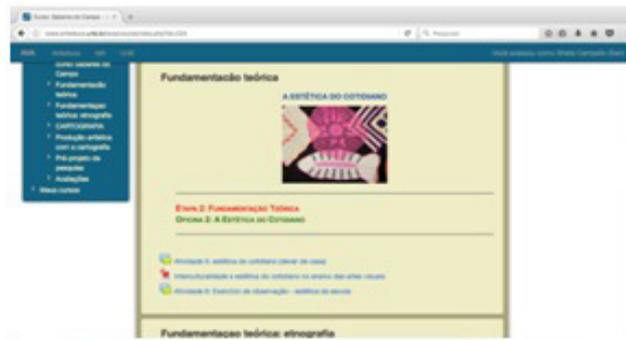
A página inicial do curso no AVA apresenta as etapas que compuseram o planejamento do curso (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - Recorte da página inicial do curso no AVA.



Fonte: <http://ava.arteduca.org/>

Figura 4 - Recorte da página inicial do curso no AVA.



Fonte: <http://ava.arteduca.org/>

Essas etapas podem ser descritas, de maneira esquemática, da seguinte forma:

- Etapa 1: Apresentação do projeto aos participantes;
 - a. Apresentação dos fundamentos do curso;
 - b. Apresentação dos marcos normativos da educação do campo;
- Etapa 2: Estudos sobre a Estética do Cotidiano;
- Etapa 3: Etnografia: conceitos, métodos e técnicas da Antropologia Cultural;
 - a. A observação participante;
 - b. O estranhamento do familiar (necessário no caso da pesquisa realizada em contexto familiar aos pesquisadores);
 - c. Entrevistas abertas, semi estruturadas;
 - d. O caderno de campo do pesquisador;
- Cartografias colaborativas;
 - a. O uso do Google Maps na cartografia colaborativa;
 - b. Mapeamento do campo pesquisado;
 - c. A produção artística com uso da cartografia;
- Saberes do Campo e o currículo escolar:
 - a. Análise dos dados coletados e de possibilidades de articulação com o currículo escolar;
- Etapa 6: Projeto de Ensino e Aprendizagem;
- Etapa 7: Avaliações de possíveis desdobramentos – possibilidades de aplicação em novos projetos e no planejamento de oficinas específicas, direcionadas ao aprimoramento das produções identificadas na comunidade. Para viabilizá-las, poderiam ser buscadas novas parcerias, com instituições como o SEBRAE, ou com o Instituto Federal, por exemplo.

Ao final do processo foi realizado um evento intitulado Ex-pocampo, no qual foram expostos os resultados da pesquisa. Os estudantes/pesquisadores se encarregaram de apresentar o trabalho e de orientar o público em relação à inserção de dados sobre a cultura local no mapa criado para acolher os resultados da pesquisa.

As três últimas etapas mencionadas acima (5, 6 e 7) deveriam ser viabilizadas no ano subsequente, pela própria escola, participação da comunidade escolar e apoio da CRE.

Uma pausa forçada, decorrente de dificuldades relativas ao cronograma dos trabalhos, inviabilizou a continuidade desse processo. Um convite inesperado, recebido da Gerência de Educação do Campo, para apresentação do projeto do curso no Dia do Campo, realizado na Escola Classe Lamarão, provocou, posteriormente, uma retomada do ideário do projeto.

A referida apresentação, realizada com participação de um dos estudantes/pesquisadores do 5o Ano e de professores/estudantes egressos da edição 2014, foi muito bem acolhida pelo público presente, formado por docentes vinculados às escolas do campo do Paranoá. A postura dos apresentadores diante da plateia demonstrou a relevância do projeto para as comunidades rurais. Vale destacar a atitude do estudante/pesquisador que se dispôs a participar. Elegantemente trajado, apesar da timidez demonstrada diante de uma plateia formada por professores das 14 escolas do campo do Paranoá, o jovem pesquisador demonstrou o orgulho por ter participado do projeto e segurança em relação

ao seu processo de aprendizagem. Essa postura surpreendeu positivamente a equipe da escola para a qual ele havia sido transferido, na migração dos Anos Iniciais para os Anos Finais. Procurada por eles, teve a satisfação de perceber que a equipe da nova escola se mostrou admirada por desconhecer o potencial desse estudante. Feliz, registrei mais um ponto positivo na avaliação do curso.

Esses acontecimentos desencadearam reflexões reveladoras em dois sentidos: demonstraram o potencial da proposta para despertar a motivação dos estudantes/pesquisadores para participação em projetos que articulem escola/comunidade e representaram um forte indício da possibilidade de ampliação da proposta, envolvendo outros públicos por meio do uso da Educação a Distância (EAD).

Com base nessas avaliações, no ano de 2016, optei por realizar uma terceira oferta do curso contando com a parceria da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes⁷ na certificação e ampliando o público alvo, para alcançar novos contextos geográficos e outros graus de atuação dos professores. Nessa edição acolhemos participantes do Rio de Janeiro, Roraima, Pará, Tocantins, São Paulo, Maranhão e Minas Gerais, atuantes na Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Superior.

Ao final da nova experiência, em atenção a um convite da Universidade Federal de Tocantins (UFT) - Campus Arraias -, ministrei, no contexto do II Encontro da Licenciatura em Educação do Campo, a Oficina de Etnografia no Campo Escolar, baseada na metodologia proposta para o curso, da qual participaram estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, oriundos de cidades próximas e de comunidades quilombolas da região (Figura 5).

Figura 5 - Produção do mapa na oficina realizada na UFT.



Fonte: autora.

A avaliação do processo vivenciado nessa oficina e as novas atribuições que assumi no trabalho junto à Diretoria de Educação de Jovens e Adultos - DIEJA delinearão novos rumos para o projeto. Essas atribuições diziam respeito ao assessoramento às escolas do campo, no processo de implementação da política de integração curricular entre a Educação Profissional e a EJA, viabilizados por meio da adesão do Programa Nacional de Acesso à Escola Técnica (Pronatec).

Os novos rumos traçados baseavam-se na premissa de que o levantamento resultante da pesquisa de campo poderia ser planejado para a identificação de demandas por cursos de

Formação Inicial e Continuada (FIC) disponibilizados pelo Pronatec para integração com a Educação de Jovens e Adultos, que atendessem às necessidades específicas das comunidades da zona rural.

Com aval da DIEJA, iniciei um trabalho de revisão da proposta do curso Saberes do Campo, para adequação dos objetivos originais às especificidades das escolas no processo de seleção e planejamento dos cursos de formação profissional integrada à EJA. Após revisada, a proposta deverá ser enviada à EAPE para que sua oferta possa ser concretizada.

Assim como ocorreu nas duas edições iniciais do curso, a proposta para a EJA deverá considerar a necessidade de capacitar os educadores da zona rural para a gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno, e contribua para a implantação de uma proposta de educação do campo na rede pública de educação do Distrito Federal, como previsto em documentos orientadores da SEEDF.

Breves informações sobre a integração curricular entre a Educação de Jovens Adultos e a Educação Profissional

Para melhor compreensão dos objetivos almejados na proposta a ser desenvolvida pela DIEJA, é importante apresentar algumas informações básicas sobre o Pronatec. O Programa Nacional de Acesso à Escola Técnica foi implantado em 2011 e se insere na linha jurídica criada pelo decreto no 5.154/2004 (Brasil, 2004), que busca integrar a educação profissional à educação básica. No caso da integração com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa proposta foi viabilizada pelo Programa Nacional de Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja).

A modalidade de Educação Profissional proposta é organizada em três níveis: Formação Inicial e Continuada ou Qualificação Profissional; Técnica de Nível Médio (de forma integrada, concomitante e subsequente); e Tecnólogo (superior). No Distrito Federal, a Secretaria de Estado de Educação (SEDF) tem envidado esforços para incentivar a implementação da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação⁸.

As referências à Educação Profissional aparecem no Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2010, segundo Isabel Brasil Pereira (2013), articuladas ao tema da universalização do ensino médio, prevista como forma de fomentar a expansão de matrículas, observando-se as peculiaridades das populações do campo, dos povos indígenas, e das comunidades quilombolas, além de representar uma possibilidade de qualificação social e profissional para jovens e adultos (das populações do campo e urbanas) na faixa de 15 a 17 anos, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série.

A integração nas escolas do campo

Se no contexto urbano as propostas de integração da Educação de Jovens e Adultos à Educação Profissional são importantes, na área rural elas adquirem uma relevância especial, podendo, em alguns casos, representar oportunidades únicas de formação para o mundo do trabalho para comunidades que se encontram sem outras perspectivas de profissionalização.

Considerando o interesse da DIEJA em atender às

necessidades específicas do campo, ao promover a oferta da EJA integrada aos cursos FIC, é importante buscar resposta para a questão “que campo é esse?”. Devemos, portanto, relacionar as descobertas decorrentes desse questionamento às possibilidades de integração pretendidas pelas escolas do campo. Acreditamos que a resposta a esse questionamento poderá ser encontrada por meio de pesquisas de campo realizadas na oferta do curso Saberes do Campo. Essa é nossa pretensão.

Para prestar o devido apoio às escolas, no que se refere às possibilidades de promover essa integração, é necessário aprofundar estudos em três campos de conhecimento: o da Educação de Jovens e Adultos; o da Educação Profissional; e o da Educação do Campo. Esse desafio se amplia se considerarmos a necessidade de buscar a interface entre esses campos de estudo sem nos esquecermos de que é necessário realizar, em paralelo, um inventário das características específicas de cada comunidade escolar.

Se considerarmos as especificidades das comunidades camponesas do Distrito Federal, veremos que a educação profissional de seus membros não deve se resumir à formação agrícola. Para que possam ser planejadas formações adequadas ao perfil de cada uma delas, torna-se necessária a realização desse levantamento das necessidades e características das mesmas. Com esse objetivo tem sido aprofundada a articulação entre a Diretoria de Educação de Jovens e Adultos (DIEJA) e as Coordenações Regionais de Ensino (CRE).

Essa articulação tem sido viabilizada por meio de reuniões de assessoramento pedagógico e diálogos nos quais são incentivadas as ações direcionadas à realização de pesquisas, com vistas à identificação do perfil sócio-cultural dessas comunidades, para fundamentar o planejamento adequado aos interesses de seus sujeitos. Esse assessoramento visa, ainda promover a divulgação das diferentes possibilidades de cursos oferecidos pelo Pronatec e alertar para a necessidade de análise das condições da unidade escolar para acolher os cursos de seu interesse.

Inicialmente poderão ser desenvolvidas propostas que não atendam plenamente às necessidades das comunidades, tendo em vista que detalhamento dos inventários ainda não foi elaborado. Com essa ressalva, e com o objetivo de aglutinar as comunidades em torno da proposta de formação profissional, com objetivos relacionados com o atendimento às reais necessidades de seus integrantes, identificadas no levantamento de seu perfil sócio-cultural e planejadas para um segundo momento, a ser iniciado no próximo semestre letivo. Até lá teremos tempo para desenvolver uma proposta bem fundamentada e alicerçada no inventário elaborado com o devido cuidado. Como se diz na cultura popular, “é o carro que empurra os bois”.

Ao iniciar esse processo, mesmo que sem atender plenamente as necessidades das comunidades neste primeiro momento, poderemos despertar sua motivação para buscar formações necessárias ao atendimento dos modos de produção de vida que seus integrantes almejam e necessitam.

É nesse contexto que se inserem as propostas de formação de copeiros e manicures, desenvolvidas nas unidades escolares do campo relacionadas a seguir: Escola Classe Café Sem Troco, Centro Educacional PAD/DF, vinculadas à Coordenação Regional de Ensino (CRE) do Paranoá; Centro Educacional Carlos Mota (CRE de Sobradinho); Centro Educacional Irmã Maria Regina Velanes (CRE de Brazlândia).

Outro aspecto a ser destacado, em relação à experiência de implantação da EJA Integrada à Educação Profissional nas escolas do campo do Distrito Federal, refere-se às características específicas do ensino nesse contexto, que demanda uma organização diferenciada do trabalho pedagógico que tem sido proposto e executado nas unidades escolares da área urbana. A necessidade de flexibilização da organização escolar, já prevista na Educação de Jovens e Adultos, encontra reforço nos principais marcos normativos que regem a Educação do Campo.

Se os sujeitos da EJA trazem a marca da exclusão social impressa em suas trajetórias, essa situação se torna duplamente perversa ao considerarmos esse mesmo público entre as comunidades da área rural. Torna-se, então, necessário reconhecer o direito à igualdade de tratamento, considerando, porém, a existência de diversidades sociais, culturais, ambientais, políticas, econômicas, de gênero, geracionais, de raça e etnia, presentes no meio rural. Devem ser previstos direitos iguais para realidades diferentes, sem recorrer à mera adaptação do atendimento escolar da área urbana às condições presentes na área rural.

Como previsto na Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) e nas referidas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, essas adaptações às peculiaridades da vida rural devem ser consideradas na proposição dos conteúdos, metodologias e na organização escolar, prevendo até mesmo as necessidades de adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola, às condições climáticas e à natureza do trabalho na zona rural. Esse caráter flexível da organização escolar deve envolver, também, os processos avaliativos considerando as especificidades das comunidades escolares e as exigências do meio nas quais elas se inserem.

Considerando a importância do trabalho coletivo nas escolas do campo, torna-se imprescindível buscar a superação da prioridade dada ao trabalho individual, tanto na gestão coletiva da escola, quanto no percurso formativo dos jovens e adultos, promovendo uma práxis baseada na interação e colaboração entre as partes. Nesse novo contexto, adquire grande relevância a realização de avaliações processuais coletivas, com destaque para autoavaliações das participações dos integrantes desses coletivos, considerando os planejamentos realizados e prevendo depurações e redirecionamentos das propostas.

O planejamento da próxima edição do curso

Toda a argumentação apresentada neste relato fundamenta a proposta da próxima edição do curso Saberes do Campo e deverá subsidiar a realização da pesquisa de campo empreendida pelos futuros participantes. Dependendo dos resultados obtidos na etnográfica empreendida ao longo do curso, poderão ser planejadas novas formações para dar continuidade ao processo iniciado nas escolas participantes, caso exista demanda.

Como desdobramento, para articulação dos resultados obtidos com a proposta curricular das escolas, deverá ser planejada outra formação direcionada à formulação de projetos de ensino e aprendizagem no contexto escolar. Tais projetos deverão basear-se nas proposições de interação e colaboração presentes em formações desenvolvidas pelo grupo Arteduca que fundamentam-se, por sua vez, nos princípios da transdisciplinaridade, defendidos por Basarab Nicolescu (1999), apresentados na Carta da Transdisciplinaridade (2013) e nas teses de Edgar Morin, Os sete saberes necessários à educação do futuro (2011). ■

Notas

- ¹ Sobre o grupo Arteduca ver <http://arteduca.org/>.
- ² Disponível em <http://ava.arteduca.org/>.
- ³ Por envolver professores e seus respectivos estudantes na formação, adotaremos o termo “professores/estudantes” para designar os professores cursistas da formação Saberes do Campo (abreviamos, também, o nome do curso para facilitar). Seus respectivos alunos foram designados com o termo “estudantes/pesquisadores”.
- ⁴ Disponível gratuitamente em <https://www.google.com.br/maps/> e em aplicativos para smartphones.
- ⁵ Instituído pela portaria no 86, de 10 de fevereiro de 2013, do Ministério da Educação.
- ⁶ AVA criado na plataforma Moodle, disponível em <http://ava.arteduca.org/>. Sobre o Moodle, ver: <https://moodle.org/>.
- ⁷ Informações sobre a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, vinculada à Fundação Brasileira de Teatro, poderão ser obtidas em <http://dulcina.art.br/>.
- ⁸ Sobre o assunto recomendamos a leitura de artigos e relatos de experiências publicados em edições especiais no 5 e 6 da Revista Com Censo, que abordam temáticas relacionadas com a Educação de Jovens e Adultos e com a Educação Profissional Integrada à EJA e ao Ensino Médio.

Referências bibliográficas

- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 27.833, 23 dez. 1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. **Educação do Campo**: marcos normativos. Brasília: SECADI, 2012.
- CAMPELLO, Julia C. R. R. Métodos e técnicas em Antropologia Cultural. In CAMPELLO, Sheila Maria Conde Rocha; GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. **Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem**. Série GTArtes. Brasília: LGE Editora, 2011.

- CAMPELLO, Sheila M. C. R. **Arteduca**: uma abordagem transdisciplinar para o ensino da arte em rede. Tese de doutorado. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. 2013.
- MOREIRA, Terezinha Maria Losada. **Teoria da Arte**. Série GTArtes. Brasília: Duo Print, 2009.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, DF: UNESCO, 2011b.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- _____, et al. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.
- NICOLESCU, N; FREITAS, L. de; MORIN, E. **A carta da transdisciplinaridade**. Disponível em www.cetrans.futuro.usp.br. Acesso em 29/01/2013.
- _____. **A interpretação da imagem**: subsídios pra o ensino da arte. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- PEREIRA, Isabel Brasil. Educação Profissional. In CALDART, Roseli Saete; Pereira, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3. Ed. , 3. Reimpr. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013.
- PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. Tese de doutoramento em Supervisão e Currículo. São Paulo. PUC, 1996.
- RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.